

Agonistes

João Pereira de Matos (CHAM-UNL-FCSH).

Esta é a história de um membro dessa tribo cega de sonho, dos boémios tristes, habituados à luz fria da lua nesta cidade que escalda, de um tal Agonistes, herói improvável numa vida feita de nada, andando aos tropeços por ela, ora subindo numa esperança vã ora descendo até ao seu próprio pântano de arrependimentos.

Nunca foi feliz este nosso arauto da desgraça. Antes pelo contrário. A sua chama sempre foi de tristeza e agora que já não é novo foi acumulando um resto nodoso de mágoas e amarguras, de fracassos e solidão. Falhou nos exigentes padrões do sucesso mundano, errou no amor, raramente correspondido, ora porque desistia de o dizer a quem gostou, ora porque não teve a sorte de ser compreendido ora, enfim, porque não soube trilhar a estreita senda do enamoramento, da corte e da arte da sedução pois não é sedutor quem se apresenta com fraca figura, sem ímpeto e sem convicção, e as mulheres não são parvas e percebem à distância que ele carrega um peso qualquer que se reflecte na roupa escura e mal cuidada, no semblante pesado, no desalento nos modos, de não prometer um módico de felicidade. Ou talvez, porque só quis, sem o saber, as mulheres inacessíveis, por condição ou beleza, tendo sido muitas vezes rejeitado mesmo por aquelas que porventura eram como ele, condenadas à errância na vida e que por isso mesmo procuravam um homem diferente, que lhes pudesse aplacar a virulenta mágoa que torna quem a carrega numa criatura desgarrada da turba, em perpétua desagregação vital.

Amigos? Tem poucos. Conhecidos? Tem muitos. Que ele perambula por aí e é visto, como os demais dessa gente, como num entressonho, só para ser semi-esquecido ou apenas um pouco lembrado. Não deixará, talvez, rasto, na sua passagem por esta vida. Não ficará, talvez, descendência que lhe perpetue o sangue. Não fará, talvez, a obra que lhe garanta a eternidade breve da memória dos homens.

Mas existe. Com carne e sangue e vísceras e com vontade, no seu pequeno mundo de ruelas exíguas, no seu canto que é a geografia possível onde habita.

Daqui nunca saiu, nem sequer sairá, a não ser à força e ele é tão discreto que não vemos maneira de alguém o querer daqui para fora.

Perguntará o leitor: o que interessa historiar a sua irrelevante biografia? É que se encontrou nele um fascínio interior, uma senda de renúncia que vindicará a sua pálida presença debaixo do Sol, que lhe confere um brilho opaco na sua transparência divina e que lhe invadiu as entranhas, como o personagem de um épico mas do submundo. Uma viagem minúscula no dédalo urbano desta cidade perdida de si, que poderia redundar num novo Ulisses se o mundo já não estivesse entupido deles.

Ah, mas a derrota que sente, a derrota que derrama à sua volta distribuindo-a com a prodigalidade de um sibarita doido é apenas a sua característica exterior e mais visível. Talvez lhe assista uma força interna, toda de músculo onírico, que lhe dará a envergadura de uma longa ventura de longevidade e saber. Assim é que pouco lhe acontece, por fora, mas que muito labora, para dentro, emaranhado no líquido solvente da sua própria procura. Quando anda por aí a esmo vai remoendo mistérios que leu algures ou que inventou, ainda agora, para se entreter e tecer enredos de personagens tão belas e nobres e boas que não se atreverá a passá-las à escrita.

Agonistes, como te custou acordar para a tua miséria interna. Reconheceres como tua a desistência, profética porque se abstém de sequer tentar. Assim não poderá haver erro ou desengano pois a tentativa é essencial ao acontecer das coisas ou ao seu malogro e sem ela não há nem vitória nem derrota, apenas abdicação e vazio. Quantas vezes te sentiste irreal? Um pouco menos do que humano? Neutro e distante, quase anestesiado demais para poderes sentir?

Lembras-te, Agonistes, quando eras criança e brincavas com aquela faca? Faca secreta de uma brincadeira secreta porque confusamente intuías que não era permitido brincar com facas. Eram perigosas. E, inevitavelmente, o perigo, potencial e obsidiante, tornou-se facto. E não podias esconder o sangue, vívido e vermelho, que fluía do reservatório do corpo e que te prendia a atenção assustada porque o sangue expunha à clara luz do dia a brincadeira clandestina. Pois bem, esse episódio foi uma das chaves da tua vida porque sob o manto demasiado curto da timidez todas as tuas fragilidades foram reveladas e quanto mais achavas que eras discreto mais te expuseram ao ridículo e à humilhação, a uma inveja inconfessada daqueles que fazem tudo de modo tão despudorado que qualquer vício se transforma numa quase virtude, como se o que fosse

vergonhoso não fosse o acto mas o impulso de o querer esconder. É certo que, ainda hoje, sentes o fascínio da lâmina e do rubro pastoso do sangue mas preferes não pensar nisso.

Eis o martírio de te saberes inútil, Agonistes. Sem prole nem família, sem poiso ou saber - especializado ou geral - a não ser aquele conhecimento próprio das gradações da tristeza. Vives numa angústia toda tua. Ou, quem sabe, num desespero de sábio. Sim, pode ser por isso, pelo fundo inteligir de tudo o que é vazio, inoperante, antiquado, venal, quimérico e cego. Na ciência vaga do teu supor. Na perfeição do engano. Eis que isso é uma desistência como foi não acabar os estudos embora te parecendo que poderias saber mais do que os professores, se o quisesses. Mas querer e conseguir, Agonistes, são coisas diversas. Para teres acabado os estudos ou outra coisa qualquer, haverias de ter aquela disciplina mínima para toda a obra e tu só tiveste o tédio da melancolia. Mesmo os teus sonhos foram contaminados por isso. Para construir é necessária força, para a obra inacabada não é necessário nada.

Qual a raiz do mistério deste Agonistes? Talvez, o ponto essencial para o entender seja, tão-só (o que, apesar de tudo, já é muito) um único e essencial sentimento. Uma desorientação radical sobre as decisões da vida. Não, ele não é nem foi sequer um indeciso. Foi uma coisa diferente. Viveu sempre numa ansiedade radical sobre cada uma daquelas questões que, em cada idade, parecem as mais importantes. Paralisou, em cada uma delas. Ouviu com demasiada atenção os piores conselhos mesmo aqueles que vieram de quem lhe era mais próximo. Acabou por decidir sem escolher, querer sem que o desejo lhe fosse próprio. E inevitavelmente falhar sem que o malogro sequer fosse dele. O acaso, na vida, é quase tudo... mas, por outro lado, há, em quase tudo, uma simplicidade tão grande.

Pões-te a olhar o rio, no ocaso prateado, e não sabes, Agonistes, não podes saber, de toda a complexidade que te anima, os teus sistemas vitais, que trabalham para que possas olhar o rio. Não sabes também de toda a logística do burgo, que labora quase com a mesma invisibilidade do corpo, para que tu possas olhar o rio. Não te dás conta que a imensa máquina do mundo labuta resfolegante para que possas olhar o rio. E do cosmo que gira nas suas engrenagens milenares compondo essa sinfonia que ninguém ouve. Na verdade, fazes parte de todos esses sistemas mas, à tua maneira, triste e serena, não lhes pertences. Olhas o rio como quem não vê o rio mas apenas o seu leito lodoso

que transformas numa gigantesca cidadela para insectos inteligentes, para jaguares telepáticos e para serpentes com formas de belas mulheres carnívoras e aladas que alcançam os céus da tua imaginação e te olham perplexas quando te vêem, lá de cima, a olhar o rio com uma simplicidade tão tua que transcende o tempo.

Olhas o rio como quem se despede. E isso torna-te único.

Caro Agonistes, sempre foste inactual e espúrio. Inactual porque, de certa maneira, nasceste velho, desactualizado, dir-te-ia mesmo, fora do tempo. Espúrio porque nunca soubeste querer ou, sequer, o que querer. Andaste por todo o lado perdido de ti e perdido de todos, os que te rodeiam mas também os da tua própria família. E da maioria dos teus amigos que te não compreenderam e, apenas por amizade, te aceitaram sem compreender. Como foi o caso de Malaquias, o teu primeiro amigo e também o último pois estás destinado a sobreviver à tua época o que te abrirá as portas de uma solidão imensa e sem contornos.

Malaquias tinha, aliás, sido o seu grande e quase único companheiro durante os anos da escola. Conheceram-se, por acaso, num intervalo e a verdade é que Malaquias teve pena do rapaz magro, tímido e impopular que era Agonistes. Já nesse tempo Malaquias conseguia relacionar-se com qualquer um mas escolheu precisamente o nosso protagonista porque reconheceu nele, não obstante a pouca idade de ambos, uma intensidade que não viria a encontrar mais tarde em tantas pessoas tão díspares.

Certa vez, Agonistes, discutindo com a professora uma questão política desse tempo defendeu-a de modo tão intransigente que foi capaz de suportar com um estoicismo profético todas as punições por ela impostas.

Esse episódio só aumentou a sua convicção que Agonistes poderia ser um amigo interessante, quem sabe se o único sincero que jamais viria a ter, e ambos, conforme foram crescendo, discutiam muitas vezes as questões correntes, ocupando posições opostas e intransigentes, o que só aumentava uma amizade cúmplice baseando-se não no conforto da unanimidade mas no prazer dialéctico do antagonismo.

Pois, ao contrário de Agonistes, Malaquias pertencia àquele tipo de homens para quem é fácil o convívio e por isso conhecia tanta gente. Porém, não era inculto. Longe disso, a amizade de ambos consistia mesmo na afinidade de gostos, de literaturas e de ideias, de conversas longas e animadas, de disputas acirradas em

que a cada um dava para extremar as posições só pelo prazer de prolongar o debate. Lembrava-se sempre, quando ainda estavam no liceu, que cada um defendia candidatos de partidos não só diferentes mas com posições opostas apenas para, depois, nas eleições seguintes inverterem os papéis, arengando em defesa de um ou de outro como se sempre tivessem acreditado neles. Era tudo um jogo, uma procura de estímulo. Porém, a vida, ingrata como é, afastou-os e da antiga intimidade restou só um contacto superficial e, de vez em quando, os pequenos favores que eram uma lembrança desses anos.

De resto, Malaquias veio a tornar-se num jovem atlético o que lhe deu sorte com as raparigas e o nosso Agonistes ficou enfezado, sumido numa roupa dois números acima porque, como já sabemos, não atina com o cuidado no vestuário - ou qualquer tipo de apuro - e porque o herdava dos irmãos mais velhos quando deixava de lhes servir.

Como já suspeitávamos, além dos amores que Agonistes teve terem sido, no geral, não correspondidos, os demais foram, tão-só, passageiros porque as mulheres ainda que atraídas, a princípio, pela sua perspicácia logo se enfadavam com o seu humor soturno e com a extrema magreza de quem perdeu o apetite sabe-se lá porquê.

Restava-lhe Malaquias, que apesar de já ter desistido de insuflar no nosso Agonistes um pouco de brilho manteve-se um companheiro fiel. Por isso Agonistes não pôde deixar de ficar ressentido quando Malaquias lhe apresentou Inês com quem tinha começado a namorar e que pela beleza e singela graciosidade se tornava óbvio que iria ocupar a maioria do tempo e o cerne da sua atenção. Nada disse a Malaquias com receio de o magoar mas Agonistes sabia que iria ficar um pouco mais sozinho. E assim foi que se passaram os dias e as semanas e quanto mais Malaquias se encantava com Inês mais os dois amigos se afastavam, um em direcção à sua verdadeira dimensão solar, o outro continuando ensimesmado. Mas, nem por isso guardou ressentimentos. Não iria pedir satisfações a Malaquias porque os amigos têm de compreender que o mais natural do mundo é preferir-se cumprir o desejo de saciedade junto de uma bela jovem, alma serena e bondosa, do que se dedicar ao jogo estéril de uma perpétua disputa intelectual.

Foi nessa época que Agonistes deu por se interessar por aquelas mulheres um pouco tristes, aquelas que têm um olhar algo desorientado por estarem perdidas nas sendas enviesadas e labirínticas do amor. Julgou que nelas poderia

encontrar um reflexo da sua desorientação vital e tornou-se exímio em detectar, pelos mínimos indícios, esse sofrimento feminino sem perceber que tais mulheres desejavam não esse reconhecimento mas a energia intrínseca dos homens expansivos que sabem impor os hábitos estrepitosos e um tanto grosseiros da sua íntima vitalidade. Ademais, embora não passasse privações, como não era rico sabia que não poderia frequentar aqueles locais da moda que pudessem animar essas mulheres sem brilho. E as que tinham meios e gozavam de liberdade de irem elas próprias não necessitavam dele.

Tantas vezes, Agonistes, a solidão te tem sido pesada pois até quando reflectias sobre a tua vida com o máximo optimismo de que eras capaz te sentiste incumprido. Desajeitado e tímido e com uma capacidade vastíssima de te iludires.

Só nos subterrâneos de ti soubeste querer. Só nos recessos longínquos do teu desejo soubeste amar. Só na miséria moral soubeste sorrir o riso do desânimo, irónico de ti para contigo, quando constatavas aquilo que já sabias que era o não servir. Nem para o trabalho nem para o amor nem para o prazer ainda que aquele das coisas mais simples.

Mas esse é o tormento teu. Funcionar em vários planos em simultâneo sem que eles comuniquem, um açoreamento da alma num manancial desatinado de fragmentos díspares.

Até quando jogavas à bola, quando eras pequeno, não sabias como avançar nem o que fazer quando a bola te chegava aos pés. Ninguém, por isso, queria ser da tua equipa e tu ficavas desanimado. Era compreensível, raciocinavas, mas não sabias que assim também aprendias a ser infeliz.

Agonistes envelhece sem se aperceber que envelhece, porém sentindo com a cegueira do corpo o peso do tempo, os estragos da idade, o fedor da corrupção. Mas como todos os doidos lúcidos, pensa noutras coisas. Anda distraído com tanta tristeza, com o desvario do mundo, não entendendo que é nos dentes, nas articulações e nos órgãos que se joga a história do universo, da eternidade impossível ou, mais prosaicamente, o furor da vida. Pois só no querer das coisas mundanas se poderá suster o tempo porque só as vivendo se viverá a vera construção de uma biografia. De outro modo, tudo é sonho inútil, tudo será emaranhar-se nas selvas internas, vivendo para dentro o nada que se experimenta lá fora. E é pena. Poderia fazer tantas coisas, dizê-las entre amigos, se os tivesse, brincar com os filhos, se os tivesse, nas tardes de domingo

antegozando a segunda-feira que seria passada à beira-mar escrevendo um ensaio, quem sabe se o definitivo, quem sabe se só relembrando o que há muito se conhece e anda esquecido, sobre a felicidade humana. Provavelmente, acumulada uma certa sabedoria, pois Agonistes apesar de tanto desnorte nunca foi tonto, poderia valer a pena mostrá-la aos outros ou, talvez, fosse importante o esforço de transformar essas noções de certa filosofia própria ou alheia numa narrativa sobre um certo pacato sonhador que desperdiçava a sua vida em sonhos e que, certo dia, decidiu plasmá-los em prosa e, alcançada a fama e sob esse influxo catártico, deixar finalmente que o comum destino da humanidade também fosse o dele.

Todavia, tal não será como jamais poderia ser, pois tais rodas do destino não giram para trás e é pena.

Até o teu grande professor das coisas nocturnas, Tibério, te as quis ensinar muito mais por piedade do que por necessidade de passar para a geração seguinte a sua ciência ínvia.

Homem maciço, curiosamente tisonado a ponto de se não saber se pela vida se pela ausência de banho, tinha um nariz aquilino mas pequeno na sua face larga com uns olhos achinesados, penetrantes de rapina e, no entanto, bondosos. Cheio de contradições este Tibério. Como se com os seus modos grosseiros e os gestos bruscos não conseguisse esconder os requintes da sua análise, a sua erudição heteróclita feita de um sedimento livresco complementado pelo manejo da experiência numa conjugação que, longe de ser só desconcertante, significava também uma síntese de velho mestre, carismático na exacta medida em que, não se sabendo o que iria dizer a seguir, podia detectar-se, passado algum tempo depois de proferida a sua última sílaba, uma razão que a princípio tinha tudo de obscuro e afinal se tornava tão clara quanto o alvorecer de um novo dia. Desenganem-se os leitores de acharem que procurava discípulos. Pelo contrário, era total o seu desinteresse e considerava que não só todo o conhecimento, pelo menos aquele que importava, era por definição intransmissível como via a demais humanidade como uma cáfila de imbecis que gastavam o oxigénio e cansavam o Sol. Porém, por uma razão que se não saberá nunca, apiedou-se de Agonistes e tentou orientá-lo nos caminhos da noite da boémia infeliz, nos prazeres baços da melancolia, na imaginação emancipada que poderia com a mesma facilidade gerar monstros e utopias loucas sem que se percebesse o que eram uns e o que eram outras.

Uma coisa era certa. Tibério estava cansado. Estava sempre muito cansado. Da vida, em geral, era certo. Mas também, no particular, da vida nessa Lisboa pequenina, que percorria a pé com a lentidão de um ser pré-histórico, uma criatura muito antiga para quem já nada era novo. Sempre os mesmos rostos, os mesmos amigos e até os mesmos inimigos, um ódio de todos os dias que nem sequer era ódio pois não logrou sobreviver ao hábito apaziguador de uma rotina. Talvez vivesse excessivamente a comunidade fechada dos boémios pese embora essa sua misantropia que lhe era como uma segunda pele. Um instinto que valia como uma primeira aproximação ao mundo, esse seu, entre uma cultura erudita que não interessava a ninguém e uma pobreza material que era comum a todos eles.

Nada se vai revelar de visceral e bom. Agonistes haverá de encontrar a saída para o impasse do sonho exclusivo da ruína do mundo, do convívio com tais réprobos que deliram com as suas específicas misérias ou que desperdiçam o tempo na esbórnica contaminada pelo desespero. No entanto, quando retornar à razão nem por isso encontrará a serenidade que sempre buscou. Viverá, pelo contrário, apenas aquela calma de quem, inconformado, espera pela morte.

Uma terapia possível para o teu *mal de vivre*, Agonistes, talvez tivesse sido arranjar uma mulher. Na melhor das hipóteses, seria companheira para as tuas horas perdidas que são todas mas, então, seriam partilha e comungar algo assim é um modo de felicidade. Na pior das hipóteses, contudo, ela iria enredar-te num sem-número de questões comezinhas, insignificantes mas persistentes, que teriam o condão de te fazerem esquecer essoutros problemas, metafísicos mas inventados por ti que te consomem e te não deixam viver. Porém, que fazer? Como se viu e disse já, as poucas mulheres esplêndidas e deslumbrantes que conheceste não quiseram nada contigo e as outras não te interessaram.

Agonistes, como toda a gente, vives num mundo só teu. No entanto, sabias que alguma coisa na tua existência de penumbra e desvario teria de mudar, e por isso a um nível inconsciente e profundo, acolheste com agrado e com um sentido de premonição que possuis e não te dás conta, o convite desse excelente amigo que, apesar de tudo, é Malaquias - que, de vez em quando, pensa em ti e se preocupa com a tua desventurada sorte - para ires à festa no palacete do barão de M. para que te relacionasses com um conjunto de pessoas diferente desse precipitado da ralé a que te associaste, não para ficares íntimo desses convivas pois não é amigo das elites e aceite por elas quem quer e só,

justamente, quem pode mas para que te desses conta de que há mais no mundo do que a tristeza triste dos boémios infelizes. E que é possível sorrir e dançar e ter satisfação na comida e na bebida e num belo serão na Primavera e, quem sabe, conhecer aquela que te dirá que sim.

Dobra nº3, 2019